

Relações entre o bolsonarismo e a reorganização da direita nos EUA

Relations between bolsonarismo and right wing's reorganization in the USA

Fábio Portugal Sorrentino¹ (fabio.sorrentino@alumni.usp.br)

Resumo: O bolsonarismo é um movimento de extrema direita brasileiro liderado por Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil. O bolsonarismo é consequência do processo de reorganização das direitas brasileiras no começo do século XXI. Este artigo compara a reorganização das direitas brasileiras com a reorganização das direitas dos Estados Unidos da América nas décadas de 1950 e 1960 para encontrar semelhanças e diferenças, confrontar as teses desenvolvidas por autoras para o fenômeno estadunidense e buscar enfrentamentos contra a extrema direita brasileira.

Palavras-chave: bolsonarismo, direitas, extrema-direita, hegemonia, crises

Abstract: Bolsonarismo is a Brazilian far-right movement led by Jair Bolsonaro, former President of Brazil. Bolsonarismo is a consequence of the reorganization of the Brazilian right wing in the early 21st century. This article compares the reorganization of the Brazilian right wing with that of the United States in the 1950s and 1960s to identify similarities and differences, compare the theories developed by authors regarding the American phenomenon, and seek ways to confront the Brazilian far-right.

Keywords: bolsonarismo, right wing, far right, hegemony, crisis

Introdução

O bolsonarismo é um movimento político da direita brasileira liderado por Jair Messias Bolsonaro. É um movimento complexo, de composição e pautas heterogêneas, com aparentes consensos e dissensos, mas que se notabiliza na defesa de muitas das pautas e posições de seu líder.

¹ Doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra).

Neste ensaio, para tentar entender a ascensão do bolsonarismo, faço comparações e diálogos com a reorganização da direita conservadora nos EUA nas décadas de 1950 e 1960.

Analiso as semelhanças e diferenças nas reorganizações dessas direitas, em suas bases de apoio, na importância dos espaços segregados para suas organizações e florescimentos, na instrumentalização de valores e identidades em seus discursos e nos motivos expostos por autoras e autores para explicar por que as pessoas se tornam conservadoras e bolsonaristas.

Dialogando com conceitos gramscianos, reflito sobre o papel das crises nas reorganizações das direitas e como construir respostas esperançosas a elas.

A reorganização das direitas no Brasil e o bolsonarismo

O bolsonarismo, como movimento político, se insere no contexto de reorganização das direitas brasileiras, construindo o que ficou conhecido como as novas direitas.

As novas direitas são grupos que começaram a se organizar pela internet entre o final do primeiro governo Lula e o começo do segundo², em fóruns de discussão, sites, blogs e comunidades das redes sociais Orkut e Facebook.

A reorganização da direita brasileira aconteceu em um momento de conquistas históricas da esquerda no Brasil, algo semelhante ao que McGirr (2001) observou sobre a reorganização da direita nos Estados Unidos da América, também em anos de mobilizações e conquistas históricas da esquerda norte americana.

Com o aumento da agressividade das críticas dos conglomerados de mídia aos governos petistas³ (aumento porque sempre o criticaram); as manifestações de junho de 2013⁴; as eleições presidenciais de 2014, em que a presidenta Dilma Rousseff, do PT,

² Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT), foi eleito presidente do Brasil em 2002. Seu primeiro governo foi de 2003 a 2006, quando foi reeleito para um segundo governo, de 2007 a 2010.

³ Mais da metade dos principais veículos de comunicação do Brasil são conglomerados de propriedade de apenas oito famílias. Eles fazem parte do que Gramsci chamou de “estrutura ideológica de uma classe dominante” (2001, p. 78), atuando na construção de consensos na opinião pública em torno dos interesses e da ideologia da classe dominante.

⁴ Manifestações de esquerda que começaram na cidade de São Paulo, puxadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), contra o aumento da tarifa do transporte público. Em poucos dias elas se espalharam para outras capitais, municípios e estados do Brasil. As pautas diversificaram e a direita se incorporou ao movimento. Para uma análise sobre as manifestações, ver Vainer et al. (2013). Para uma análise sobre suas relações com a reorganização das direitas brasileiras, ver Gallego (2018).

foi reeleita com uma diferença estreita para o segundo colocado, Aécio Neves, do PSDB (partido representante da burguesia); e os protestos pelo impeachment de Dilma que seguiram à contestação do resultado das eleições feita por Aécio e o PSDB, que culminaram em um golpe contra Dilma em 2016, as novas direitas cresceram e se popularizaram. Movimentos conservadores e reacionários organizados, como o “Vem pra Rua” e o “Movimento Renovação Liberal”, ganharam milhares de novos adeptos nas ruas e nas redes sociais (Gallego, 2018; Dieguez, 2022).

O bolsonarismo é a maior expressão dessas novas direitas. Ele já era observado por algumas pesquisadoras (Kalil, 2018; Solano, 2019; Pinheiro-Machado & Scalco, 2021) desde o ano de 2016, mas foi em 2018 que ele parece ter crescido (Paula et al., 2021; Dieguez, 2022) e ganhado as dimensões para eleger Jair Messias Bolsonaro presidente do Brasil.

O bolsonarismo é um movimento de extrema-direita, como se convencionou descrevê-lo, que reúne grupos e ideias diversas em torno da figura de Bolsonaro. Ele não tem um estatuto, um partido político, um manifesto fundador, e talvez nisso esteja sua força e nossa dificuldade em compreendê-lo.

Para Baldaia et al. (2021), Bolsonaro é a principal expressão política do bolsonarismo, e por isso o nomeia, mas o bolsonarismo o ultrapassa como um movimento concreto de pessoas e como ideias, percepções e compreensões de mundo.

Seguindo os trabalhos de Prandi (2019), Rocha e Solano (2020), Boito (2020, 2021), Paula et al. (2021), e uma pesquisa Datafolha (2023), considero bolsonarista quem ainda apoia Bolsonaro, concorda com todas suas ideias e posicionamentos e se identifica como bolsonarista. Quantas são essas pessoas é uma questão complexa e extensa que não cabe neste ensaio, variando a depender da metodologia usada entre 15% e 30% dos eleitores brasileiros.

Além dessas pessoas, que alguns chamam de “núcleo duro” do bolsonarismo ou “apoiadores fiéis”, as pesquisas de Rocha e Solano (2020) e Paula et al. (2021) identificaram um segundo grupo, que seriam os apoiadores críticos de bolsonaro, pessoas que não concordavam com tudo que ele dizia e como se posicionava como presidente, mas que ainda o apoiavam — as pesquisas foram feitas antes das eleições presidenciais de 2022, mas existem indicativos de que este grupo se mantém até hoje, começo de 2024.

A relação com Bolsonaro, os motivos de serem bolsonaristas e as interpretações de mundo entre ambos os grupos são diversas.

A pesquisa de Paula et al. (2021), reuniu grupos focais de perfis sociodemográficos distintos com pessoas que votaram em Bolsonaro em 2018 e, dentre elas, pessoas que ainda o apoiavam em 2021 e pessoas que estavam arrependidas de seu voto.

Entre as que ainda o apoiavam (fiéis e críticas) existiam alguns consensos: a defesa da família “tradicional” brasileira (núcleo burguês heteronormativo) e o ataque à “ideologia de gênero”⁵; a percepção negativa do Brasil e idealização dos EUA; o discurso anticorrupção e apoio à operação Lava-Jato⁶; a simpatia com os militares; e aversão à política e ódio ao PT.

Apesar de Bolsonaro ter feito a carreira e o patrimônio econômico seu e de seus filhos na política, ocupando o cargo de deputado federal ininterruptamente por 27 anos antes de ser eleito presidente, os entrevistados não percebiam Bolsonaro como parte da política brasileira corrupta e decadente, acreditavam que ele era honesto (mesmo estando implicado em casos de corrupção) e que tinha a missão de revolucionar a política.

Rocha e Solano (2020) entrevistaram 27 pessoas que votaram em Bolsonaro em 2018. As entrevistas mostraram uma diversidade de interpretações surpreendente entre os apoiadores de Bolsonaro, contrastando com estereótipos feitos sobre eles, como a percepção de 26 dos 27 entrevistados sobre a gravidade da pandemia de covid-19. Os apoiadores críticos disseram que votariam nele em 2022 se o adversário fosse o PT.

Uma pesquisa coordenada por Kalil (2018) entrevistou pouco mais de mil apoiadores, eleitores e possíveis eleitores de Bolsonaro em manifestações de rua e em redes sociais de direita e extrema-direita, entre os anos de 2016 e 2018. Com base nas entrevistas, elas segmentaram os eleitores de Bolsonaro em 16 perfis, expressando as “dimensões

⁵ Segundo Dieguez (2022), o termo “ideologia de gênero” foi “batizado” pelo papa Bento XVI, em 2012, designando de forma pejorativa e distorcida o debate sobre construção de gênero e servindo para atacar pautas e reivindicações feministas e do movimento LGBTQIA+, como se fosse uma ideologia que quisesse destruir a “família tradicional”. Segundo Corrêa (2021) o termo surgiu entre 1995 e 1998, no meio católico, cunhado por cristãos neoconservadores. Ele “é como uma cesta” da qual os conservadores atacam pautas diversas, que vão do aborto ao casamento gay e a cartilhas de educação sexual.

⁶ A Operação Lava Jato, deflagrada em 2014 pela Polícia Federal, investigou casos de corrupção ligados à empresa estatal Petrobrás e é um momento emblemático na história política do Brasil das últimas décadas. Entre tantas críticas feitas a ela, principalmente pelo seu uso político antipetista, destaco a de minha autoria, em Sorrentino (2022).

mobilizadas na escolha do voto” (p. 12) em Bolsonaro, perfis que mostram motivos e justificativas diversas para isso. Mas o combate à corrupção política e moral é central neste apoio, feito através da mobilização do conceito de “cidadão de bem” para se identificarem como grupo — e para identificarem o grupo oposto, dos petistas, como seus inimigos, os cidadãos que não eram de bem, os corruptos.

Pinheiro-Machado e Scalco (2021) acompanharam eleitores de Bolsonaro que moravam na favela de Morro da Cruz, em Porto Alegre, e encontraram mais diversidade do que homogeneidade nas interpretações de mundo dos bolsonaristas: “Seguindo a perspectiva de que pessoas têm pertencimentos políticos multifacetados e divididos, nós encontramos identidades políticas mais ambíguas do que homogêneas⁷” (p. 332).

Entre os anos de 2017 e 2018, Solano (2019) fez entrevistas em profundidade, de uma a duas horas, com trinta eleitores de Bolsonaro na cidade de São Paulo, com diferentes perfis sociodemográficos. Eles explicavam seus votos e desenvolviam livremente argumentos sobre política, moral e sociedade.

Uma das questões que com mais insistência aparecem nas entrevistas como legitimadoras do voto em Bolsonaro é que ele representaria “alguém diferente”, um outsider e, mais ainda, um antissistema, alguém capaz de enfrentar uma lógica política totalmente corrompida. A palavra “esperança” atrelada à figura de Bolsonaro se apresentou em 23 das trinta entrevistas. (Solano, 2019, p. 313)

Segundo a autora, todos os entrevistados apoiavam a operação Lava Jato, e a “corrupção se situa no centro dos argumentos do menosprezo pelo sistema” (ibid, p. 314).

Como resposta à corrupção da política e às lutas coletivas, os entrevistados acreditam no individualismo e na meritocracia. O bolsonarismo aparece como uma revolta contra os movimentos identitários tanto em homens brancos heterossexuais quanto em mulheres e LGBTs, que negam a luta coletiva para conseguir direitos, reforçando a crença meritocrática na luta individual.

Apesar da diversidade de motivos e justificativas para as pessoas apoiarem Bolsonaro, os discursos antipetista e anti-corrupção parecem estar no centro disso, como observou Dieguez (2022), e foram das principais pautas de mobilização dos bolsonaristas antes das eleições de 2018.

⁷ As traduções neste ensaio, de artigos e livros em inglês, foram feitas pelo autor.

A reorganização da direita nos EUA

Ao analisar a reorganização da direita norte americana nas décadas de 1950 e 1960, McGirr (2001) considera alguns motivos para as pessoas se tornarem conservadoras.

Ela dispensa a interpretação de que o conservadorismo seria um lapso de irracionalidade, como os liberais acreditavam. Para ela, era uma resposta às intensas mudanças sociais e culturais que aconteciam nos EUA, principalmente com o movimento negro pelos direitos civis, o que encontra ressonância no trabalho de Nicolaides (2002) sobre a reação conservadora branca nos subúrbios de Los Angeles.

Foram principalmente as classes média e média alta que reorganizaram o conservadorismo e a direita dos EUA. Como boa parte deles ascendeu da classe trabalhadora, os novos militantes relacionavam suas histórias de vida com a meritocracia dos discursos de direita, ignorando o papel do Estado em suas conquistas econômicas (McGirr, 2001).

Tanto para McGirr (2001) quanto para Nicolaides (2002) existe também uma relação entre as migrações internas nos EUA e a força que o conservadorismo voltou a ter, “realmente, podemos supor que a própria adesão à mobilidade geográfica e às mudanças os tenham feito se agarrar ainda mais firmemente às amarras tradicionais” (McGirr, 2001, p. 94).

Para McGirr (2001), ao encontrar um ambiente conservador, os migrantes trariam à tona, seletivamente, as bagagens culturais e os valores sociais conservadores com que cresceram, construindo conscientemente uma identidade conservadora. O conservadorismo lhes fazia sentido porque era o jeito que eles aprenderam a viver.

Já para alguns democratas, em um contexto de ascensão à classe média e de segurança social, as pautas democratas começariam a perder sentido. Entrando em comunidades onde o conservadorismo afluía, os novos laços afetivos com essas comunidades e a defesa do empreendedorismo individual da direita fariam mais sentido para eles, e eles se tornariam conservadores (ibid).

Os conservadores juntariam os elementos de suas novas vidas modernas com suas velhas ideias e tradições, transformando essas ideias em uma nova ideologia conservadora, de defesa absoluta dos direitos de propriedade e de afirmação da unidade familiar como “locus da autoridade moral” (ibid, p. 95).

Temendo as mudanças sociais e culturais, se apegavam aos valores morais e às tradições que consideravam fundamentais na história do país, como o individualismo e a fé na meritocracia.

Essa classe média branca identificava os valores e ideias liberais e a luta pelos direitos civis como ameaças comunistas. As posições liberais do então presidente da república John F. Kennedy, de liberdades e direitos individuais, as ideias liberais de uma engrenagem social pra criar uma nação mais igualitária e inclusiva e a securidade econômica ameaçavam, para os conservadores, os “valores Americanos tradicionais de competição, empreendedorismo e individualismo” (ibid, p. 68).

Apesar de liberais e conservadores serem capitalistas, os conservadores viam o Welfare State como algo socialista e consideravam que os Democratas estavam se tornando socialistas (ibid). Para eles, as lutas pela dessegregação das escolas, por exemplo, eram de minorias enganadas por agitadores comunistas, já que eles, a classe média branca, não seriam racistas e nunca teriam tido problemas com as minorias. Também diziam que os direitos civis eram privilégios e a eles opunham os direitos de propriedade, liberdade de escolha e direitos religiosos (Nicolaidis, 2002).

Direitas, bolsonarismo e hegemonia

Respeitando as diferenças entre a direita conservadora dos EUA e o bolsonarismo, encontramos algumas semelhanças entre eles.

Para Boito (2020, 2021), a base de apoio do bolsonarismo também é a classe média. Uma pesquisa feita pelo Datafolha em agosto de 2019 comprovaria isso, ao mostrar que o núcleo de apoiadores “irrestritos” de Bolsonaro — pessoas que votaram nele, avaliavam positivamente seu governo e concordavam com todas suas palavras — era constituído majoritariamente por homens brancos de classe média (Prandi, 2019).

Uma pesquisa mais recente (Datafolha, 2023) mostra uma oscilação maior na renda e escolaridade entre os apoiadores fiéis de Bolsonaro, o que indicaria uma diversidade maior em sua base. Como Souza (2017) disse, entretanto, a definição de classe social pela renda, além de frágil, é insuficiente e pode ser um artifício da burguesia para enfraquecer as identidades de classe — nessa lógica da renda, se um trabalhador

recebesse um aumento de algumas centenas de euros, por exemplo, ele deixaria de ser da classe trabalhadora.

Souza faz uma definição mais complexa das classes sociais. Para ele, parte da identidade da classe média é escamotear seus privilégios como se fossem conquistas de seu trabalho e esforço individual. Neste sentido, se considerarmos que a defesa da meritocracia é uma das características do bolsonarismo (Solano, 2019; Barbosa, 2022), isso poderia implicar que sua base social é marcadamente de classe média, como defende Boito, e como foi a base da reorganização conservadora nos EUA (McGirr, 2001).

O trabalho de Nicolaidis (2002) mostra a importância dos subúrbios segregados para a reorganização da direita norte americana, ao juntar a resistência racista à dessegregação com o renascimento do movimento conservador de base. Isso me faz lembrar de uma conversa que tive em 2018 (ano de ascensão do bolsonarismo) com a professora Zila Lokoï, da Universidade de São Paulo (USP), que atuava na linha de pesquisa “História das Relações e dos Movimentos Sociais”. Eu lhe perguntei como ela interpretava a ascensão do fascismo no Brasil e ela respondeu que era fruto da segregação das pessoas nos espaços públicos e privados, principalmente em condomínios fechados e escolas particulares.

Os condomínios fechados, acompanhando o mercado imobiliário, tiveram um boom no Brasil com as políticas habitacionais do final do segundo governo Lula (Otero, 2016). Com o aumento da percepção de insegurança pública, os condomínios fechados se tornaram um produto imobiliário atraente, e foram segmentados para serem vendidos a pessoas de todas as classes sociais (Bauman, 2003; Otero, 2016; Sorrentino, 2023).

Segundo Sposito e Góes (2013), a escolha pelos “ambientes urbanos controlados por sistemas de segurança provoca uma redefinição das relações de seus moradores com o restante da cidade” (p. 97). Ao restringir e controlar as interações entre dentro e fora, os condomínios fazem um “estranhamento” entre os espaços, enquanto criam, dentro deles, espaços de convivência “entre aqueles que são supostamente iguais”, “o que só reforça a possibilidade de reconhecer os outros como estranhos” (p. 98).

Os condomínios fechados são a negação da cidade. Se considerarmos a cidade como espaço de encontro entre os diferentes, os condomínios fechados são a negação do encontro com o outro, com o diferente.

A classe média branca segregada, vivendo em condomínios fechados entre os seus, estudando em escolas particulares entre os seus, frequentando espaços exclusivos aos seus (lembro de como os “rolezinhos” da juventude periférica nos shopping centers os incomodou, fazendo os seguranças privados daqueles espaços expulsarem os jovens), em bolhas na internet onde recebe conteúdos similares aos seus e se radicaliza (Ribeiro, 2018; Dieguez, 2022), essa segregação produz interpretações de mundo segregadoras e revoltas contra a democratização de espaços historicamente segregados, à semelhança do movimento conservador racista dos EUA (Nicolais, 2002).

A meritocracia da classe media brasileira esconde seus privilégios, como Souza (2017) acertadamente apontou, mas também maquia sua revolta contra a dessegregação, contra a democratização. E também em semelhança com a classe média norte americana, que dizia não ser racista (Nicolaidis, 2002), a brasileira tenta esconder seu racismo e elitismo: comentários escrachados como os da desencarnada socialite Danuza Leão sobre como deixou de ser especial ir a Paris quando o porteiro de seu prédio também conseguia ir⁸; de uma professora branca da universidade particular Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que fotografou um homem negro em um aeroporto e protestou nas redes sociais que os aeroportos estavam a se tornar rodoviárias, e os comentários de seus colegas⁹; e a comemoração do ministro da economia de Bolsonaro sobre a alta do dólar, pois as empregadas domésticas não poderiam mais ir à Disney¹⁰; estes comentários, apesar de comuns, são amplamente criticados. É mais aceitável que ataquem as políticas públicas de dessegregação — como as de cotas raciais e de distribuição de renda, políticas que levam à dessegregação e democratização de espaços como as universidades e os aeroportos — pelo argumento da meritocracia.

Outra relação é o uso de conceitos que mobilizam fortes ideias e sentimentos. Enquanto nos EUA a direita mobilizou o conceito de “American Way of Life”, que apela à

⁸ FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/80046-ser-especial.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

⁹ PRAGMATISMO POLÍTICO. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/professora-da-puc-debocha-de-passageiros-pobres-em-aeroporto.html>>. Acesso em: 15 jan 2024.

¹⁰ GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

identidade nacional dos norte-americanos, no Brasil os bolsonaristas mobilizaram o conceito de “cidadão de bem” (Kalil, 2018), que também apela à identidade nacional e mexe diretamente com o conceito de cidadania, abrangendo todas as pessoas corretas e honestas e funcionando em oposição ao inimigo que seria o bandido (e quem defende os bandidos), o comunista, o petista, o corrupto.

Para Ng’weno e Aloo (2019), a cidadania e sua negação podem ser utilizadas para colocar em suspeição o pertencimento nacional de grupos sociais ou indivíduos indesejáveis a determinado governo. Ao contrário dos casos mostrados pelas autoras deste uso político em países como Gana, Uganda e Kenia, ao mobilizar o conceito de cidadania o bolsonarismo não está negando a cidadania em si aos seus inimigos — ao menos nenhum caso do tipo se tornou conhecido ao público — mas negando o uso da cidadania.

É o que fica latente em frases populares dos bolsonaristas, como “direitos humanos para humanos direitos”, justificando crimes contra quem eles consideram bandidos, e na ameaça aos eleitores de Lula de serem excluídos de políticas socioeconômicas¹¹. Os cidadãos que não são de bem não merecem exercer os direitos de cidadãos — direitos que, se lhes forem concedidos, são privilégios (como diziam os conservadores sobre os direitos civis dos negros nos EUA), inaceitáveis.

Por fim e o que mais nos interessa aqui, a explicação de McGirr (2001) sobre o porquê das pessoas serem ou se tornarem conservadoras se assemelha à de Baldaia et al. (2021) sobre o bolsonarismo. Para eles, o bolsonarismo conseguiu mobilizar práticas e representações culturais brasileiras ligadas à nossa formação como nação, o que eles chamam de Brasil Profundo, e nisso estaria sua força e capacidade de atrair pessoas.

Então por que não somos todos bolsonaristas, se crescemos e nos formamos na mesma nação? Por que irmãos que crescem na mesma família podem construir identidades políticas opostas? McGirr (2001) percebeu a importância que as relações de afeto e pertencimento tiveram nessas construções, assim como Rocha (2018) o percebeu no bolsonarismo, mas isso explica apenas em parte a adesão ao conservadorismo e ao bolsonarismo.

¹¹ PROFISSÃO REPÓRTER. Disponível em: <<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/11/01/profissao-reporter-flagra-suspeita-de-assedio-eleitoral-em-coronel-sapucaia-ms.ghml>>. Acesso em: 09 jan. 2024.

Ideias e valores precisam dialogar com as interpretações de mundo das pessoas para que façam sentidos a elas. O conservadorismo e a direita dos EUA afluíram não apenas porque parte das pessoas cresceram em lares conservadores, aprendendo valores e ideias conservadoras; por causa da força no imaginário norte americano do “American Way of Life”; pelas relações de afeto em comunidades segregadas; mas porque a interpretação de mundo conservadora e de direita conseguiu dar respostas coerentes ao cotidiano daquelas pessoas.

E como as “estruturas ideológicas” da classe dominante são hegemônicas (Gramsci, 2001) — como nós crescemos e nos formamos e aprendemos a interpretar o mundo pela ideologia da classe dominante (através das mídias, escolas, igrejas) — é mais fácil à direita e ao bolsonarismo dialogar com as pessoas, pois eles fazem parte dessa hegemonia.

Uso hegemonia em termos gramscianos, designando a direção (ou liderança) de um grupo ou uma classe, e como ela mantém os outros grupos e classes agregados na sociedade, dirigindo por consenso e por dominação. A ideologia hegemônica, para Gramsci (1999), é o que mantém unida uma sociedade (o que ele chama de bloco histórico) com interesses distintos, reproduzindo os interesses da classe dominante como se fossem interesses também das classes dominadas.

Para Boito (2020), o bolsonarismo não é um movimento da burguesia, mas foi cooptado por ela para chegar ao governo. Ele é fruto de uma crise de hegemonia interna da burguesia e de uma crise em sua representação partidária. A crise interna seria a disputa de hegemonia dentro do bloco hegemônico, uma disputa entre a burguesia internacional e a nacional entreguista, de um lado, e uma burguesia nacionalista do outro.

A crise de representação partidária ficou óbvia na decadência política que levou o principal partido da burguesia, o PSDB, ao quase esquecimento nas últimas eleições. O trabalho de Diegues (2022) mostra como a burguesia aderiu em massa ao bolsonarismo, muitos até antes de 2018. Para Boito (2020), o bolsonarismo é reação à crise no modelo político vigente mas, ao ser cooptado pela burguesia, é reação que apenas muda ou pretende mudar o regime político — de democracia para ditadura — assegurando a hegemonia burguesa.

Se seguirmos a interpretação de Boito (2020) de que o bolsonarismo é um fascismo, ou neofascismo, ele seria também uma reação à ameaça comunista, à semelhança do fascismo italiano de Benito Mussolini, que para Gramsci (1999) foi uma reação europeia à revolução socialista soviética? No Brasil, apesar dos governos petistas serem mais parecidos com uma social democracia, eles são interpretados como comunistas pelos bolsonaristas — como eram os liberais nos EUA pelos conservadores.

Nas pesquisas conduzidas por Kalil (2018), Solano (2019), Paula et al. (2021) e Pinheiro-Machado e Scalco (2021), o bolsonarismo aparece como reação a algum tipo de crise (elas não colocam nesses termos), desde uma crise social (desemprego e insegurança pública), política (corrupção) a uma crise moral (a ideologia de gênero que ameaça a família tradicional brasileira) e de poder (os movimentos identitários que ameaçam os privilégios dos homens brancos).

Como disse Pinheiro-Machado e Scalco (2021), “um fascista à priori não existe, mas as pessoas estão sujeitas às promessas autoritárias de um futuro mais seguro e brilhante quando elas sofrem por várias camadas de vulnerabilidade, falhas da democracia, abandono do Estado e desapropriação” (p. 331).

Almeida (2018) diz que em períodos de crise, a democracia e a cidadania podem ser solapadas pela manutenção do capitalismo. Sua concepção de crise é gramsciana, “a característica fundamental é a impossibilidade de manter sob controle ideológico e político as contradições inerentes ao capitalismo” (p. 31).

Segundo Gramsci, quando a base de uma sociedade entra em crise (sua estrutura), a ideologia (superestrutura) dominante, hegemônica, também entra em crise, pois não consegue mais dar boas respostas à vida cotidiana (Gramsci, 1999; Gruppi, 1978). Segundo Chauí (2008), a hegemonia só entra em crise quando, além da economia e da política, também entram em crise as ideias e os valores dominantes.

Neste sentido, penso que o bolsonarismo é reação às crises que vivemos, social, ambiental, existencial, e reação da hegemonia burguesa para não perder hegemonia. É semelhante ao que McGirr (2001) disse sobre a reorganização da direita e do conservadorismo nos EUA ser reação às mudanças sociais e culturais.

Os bolsonaristas, como todos nós, sentem essas crises no cotidiano, mas as interpretações que fazem de seus cotidianos, a partir das elaborações feitas pelos ordenadores da ideologia (Gramsci, 1999) bolsonarista, ocultam e distorcem essas crises

e as fazem parecer crises morais e ataques de supostos inimigos, como os comunistas e os corruptos.

Estes ordenadores parecem não ser mais os intelectuais tradicionais da ideologia burguesa. Solano (2019) percebeu um aspecto de anti-intelectualismo na campanha de Bolsonaro em 2018, questionando as verdades e o papel histórico dos professores e dos intelectuais. Isso pode indicar que os quadros bolsonaristas (Gruppi, 1978), os ordenadores de sua ideologia, são os pastores evangélicos e os influenciadores digitais – os dois perfis de influência identificados na pesquisa de Kalil (2018).

A eles, podemos somar o senhor Olavo de Carvalho, tido por muitos como o intelectual do bolsonarismo (Dieguez, 2022), que parece ter exercido um papel semelhante aos de J. Edgar Hoover, W. Cleon Skousen, Willian F. Buckley Jr., Russell Kirk e Fred Schwarz na reorganização da direita e do conservadorismo nos EUA (McGirr, 2001).

Mas finalizo com palavras de esperança. Se é mais fácil ao bolsonarismo a disputa pelos corações e mentes, por sua associação à hegemonia burguesa, nós temos ao nosso favor as contradições inerentes à hegemonia burguesa, como disse Gramsci, que vão sempre, inevitavelmente, aparecer.

As crises não serão resolvidas pelo bolsonarismo, serão acentuadas. Temos que construir interpretações e respostas às crises que sejam críticas e coerentes com o mundo que acreditamos e queremos construir, interpretações que disputem com as interpretações bolsonaristas, e aqui está minha discordância com Gramsci: quem vai construir essas interpretações não é um partido político ou intelectuais iluminados. Vai ser, e precisa ser, o povo.

Nós todas e todos, juntas, dialogando sobre a realidade que vivemos para compreendê-la melhor e agir sobre ela, como nos ensinou Freire (1983).

É no diálogo educador e na ação que vamos combater as crises e o fascismo, e construir realidades melhores.

Referências

Almeida, S. L. (2018). Neoconservadorismo e liberalismo. In E. S. Gallego (Eds.), *O ódio como política: A reinvenção da direita no Brasil* (pp. 27-32). Boitempo.

- Baldaia, F. P. B., Araújo, T. M., & Araújo, S. S. (2021, Julho, 27-30). *O Bolsonarismo e o Brasil profundo: Notas sobre uma pesquisa*. XVII Encontro de Estudos multidisciplinares em Cultura, Salvador, Bahia, Brasil.
- Barbosa, C. M. R. (2022). *Do mito à balbúrdia: O bolsonarismo e o ressurgimento da direita conservadora no Brasil* [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Jorge Zahar Ed.
- Boito, A., Jr. (2020). Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica marxista*, 50, 111-119.
- Boito, A., Jr. (2021). O caminho brasileiro para o fascismo. *Caderno CRH*, 34, 1-23.
- Chauí, M. (2008). *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Corrêa, S. (2021). Ideologia de gênero: Assim surgiu o espantalho. *Outras palavras: Jornalismo de profundidade e pós-capitalismo*. <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/ideologia-de-genero-assim-surgiu-o-espantalho/>
- Datafolha, Instituto de Pesquisas (2023). *Identificação política e avaliação do voto*. Pesquisa Nacional.
- Dieguez, C. (2022). *O ovo da serpente: Nova direita e bolsonarismo: Seus bastidores, personagens e a chegada ao poder*. Companhia das Letras.
- Freire, P. (1983). *Extensão ou comunicação?* Paz e Terra.
- Gallego, E. S. (Coord.). (2018). *O ódio como política: A reinvenção da direita no Brasil*. Boitempo.
- Gramsci, A. (1999). *Cadernos do cárcere, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia; A filosofia de Benedetto Croce*. Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (2001). *Cadernos do cárcere, volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Civilização Brasileira.
- Gruppi, L. (1978). *Conceito de hegemonia em Gramsci*. Edições Graal.
- Kalil, I. O. (Coord.) (2018). *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. FESPSP.
- McGirr, L. (2001). *Suburban warriors: The origins of the New American Right*. Princeton University Press.
- Ng'Weno, B., & Aloo, L. O. (2019). Irony of citizenship: Descent, national Belonging, and constitutions in the postcolonial African state. *Law & Society Review*, 53(1), 141-172.
- Nicolaides, B. (2022). *My blue heaven: Life and politics in the working-class suburbs of Los Angeles, 1920-1965*. University of Chicago Press.
- Otero, E. V. (2016). *Reestruturação urbana em cidades médias paulistas: A cidade como negócio* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de São Paulo.
- Paula, C., Feres, J. Jr., Warde, W. J. Jr., & Valim, R. (2021). *Bolsonarismo no Brasil: Pesquisa qualitativa nacional, junho de 2021*. Iree e Lemep.
- Pinheiro-Machado, R., & Scalco, L. (2021). Humanising fascists? Nuance as an anthropological responsibility. *Social Anthropology*, 29, 329-336.
- Prandi, R. (2019, Setembro, 13). Os 12% do presidente: Em que lugar da sociedade habita o bolsonarista convicto? *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/artigos/os-12-do-presidente-em-que-lugar-da-sociedade-habita-o-bolsonarista-convicto/>

- Ribeiro, M. M. (2018). Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In E. S. Gallego (Eds.), *O ódio como política: A reinvenção da direita no Brasil* (pp. 85-90). Boitempo.
- Rocha, C. (2018). O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In E. S. Gallego (Org.), *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil* (pp. 47-52). São Paulo: Boitempo.
- Rocha, C., & Solano, E. (2020). *Bolsonarismo em crise?* Friedrich-Ebert-Stiftung (FES).
- Solano, E. (2019). A bolsonarização do Brasil. In S. Abranches (Eds.), *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. Companhia das Letras.
- Sorrentino, F. P. (2023). *Estudo de caso sobre um empreendimento imobiliário no interior paulista: Pesquisa histórica, análise crítica e escrita literária para uma narrativa contra-hegemônica* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Sorrentino, F. P. (2022). Significados da prisão de Lula. In A. Almeida, A. Leonídio, P. Moruzzi, & M. Sorrentino (Eds.), *Desordem e retrocesso: Guerras híbridas, democracia & ambiente* (pp. 106-128). Hucitec.
- Souza, J. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Leya.
- Sposito, M. E. B., & Góes, E. M. (2013). *Espaços fechados e cidades: Insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. Editora Unesp.
- Vainer, C., Harvey, D, Maricato, E., Brito, F, Peschanski, A. P., Maior, J. L. S., & Lima, V. A. (2013). *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boitempo / Carta Maior.